



ENTREVISTA PARA A REVISTA DE PEDAGOGIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Profª. Dra. Margareth Martins de Araújo

Editora executiva da RPS-UFF



Mini currículo - Atividade profissional, principais obras e redes sociais

Licenciada Plena em Pedagogia- UFP-1990); Especialista em Elaboração de Projetos Sociais (PUC-MG-1997) Especialista em Docência do Ensino Superior (UFP-1996); Especialista em Orientação Educacional (UFP-1991);Especialista em Gestão e Administração Educacional (Universidade Salgado de Oliveira -RJ-2002); Mestra em Educação em Formação de Professores (Universidade do Estado do Pará -UEPA,2007); Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas -Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFP,2020)). É Professora Adjunta na UEPA com atuação nas disciplinas: Educação em Instituições Não Escolares e Ambientes Populares; Estágios Supervisionados; Educação em Direitos Humanos; Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagogia em Movimento (GEPPEM) onde Coordena a Linha "Pedagogias Humanizadoras em Ambientes de Privação de Liberdades"; É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, História e Educação Matemática (GPSEM); Estuda acerca da Pedagogia Social, Educação em ambientes de Privação de Liberdade, Educação em Direitos Humanos, Criança e Adolescentes em Vulnerabilidade Social, A Afetividade frente aos Desafios Educacionais trazidos pela Pandemia da Covid-19. É Conselheira do Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UEPA; Membro da Diretoria do SINDUEPA - Sindicato dos Docentes da UEPA. É tema e título de um Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal do Pará.

E-mail: edina.fialho@uepa.br

E-mail: edinafialho@yahoo.com.br

Fone: 91-999949365

1- Como foi o seu encontro com a Pedagogia Social?

Responder a esta pergunta é um exercício que aguça a minha memória intelectual, profissional e afetiva, para recordações que marcaram a minha existência como pessoa, profissional, cidadã planetária ou até de **educadora social orgânica**. Nesta reflexão, organizei minha resposta em três momentos distintos, mas que se completam e se confundem com minha trajetória de vida pessoal e profissional, pois, essa relação, justifica-se no fato, de que antes de sermos profissionais, somos, por anterioridade, pessoas e portanto, influenciadores e influenciáveis pelas contingências de vida, formação e trabalho.

Meu primeiro encontro e relação com o mais próximo do que hoje chamamos de Pedagogia Social, foi quase casual, ainda na adolescência, nos finais dos anos 70 na cidade de Portel, no interior do Pará. Desde então, esse encontro casual, a princípio assistemático, não oficial e nem planejado, foi me envolvendo no processo de vida pessoal, acadêmica e profissional, interessada nas lutas coletivas em favor dos oprimidos e da garantia dos direitos de todos/as os humanos/as. Contudo, minha aproximação com a Pedagogia Social era fruto de minha convivência religiosa cristã com padres e freiras da Congregação Religiosa Católica Santo Agostinho, pela qual eu participava das Campanhas da Fraternidade, da Catequese, da mobilização social, utilizando a epistemologia e a metodologia da Teologia da Libertação à revelia das decisões clericais tradicionais. A minha reflexão, era alimentada pela Teologia da Libertação da ala progressista da Igreja Católica defendida por Leonardo Boff, Frei Beto, Dom Helder Câmara, entre outros que lutaram em defesa dos direitos humanos e de justiça social desde a Ditadura Militar no Brasil.

O meu segundo encontro com a Pedagogia Social: foi na minha juventude ao entrar na universidade Federal do Pará nos idos dos anos 1980, ainda imatura em diversas dimensões e sem conhecer as bases epistemológicas, os princípios metodológicos, as finalidades e nem o rigor da sistematização acadêmica que hoje defende-se na Pedagogia Social, mas dotada de consciência política, cidadã, cristã e humana que sempre me colocaram na linha de frente e com disposição para a lutar contra todas as injustiças e formas de opressão, eu tive experiencias concretas com a necessidade de uma Pedagogia que fosse inclusiva, solidária, afetiva, humana e social, ou seja, uma pedagogia que respeitasse o ser humano em todas as suas dimensões, essa descoberta levou-me a buscar me empoderar de novos conhecimentos e saberes para ampliar minha prática.

O meu terceiro encontro com a Pedagogia Social: ocorreu em função de minha formação em Licenciatura em Pedagogia, Especialização em Projetos Sociais e inspirada na pedagogia libertadora defendida por Paulo Freire, e nas opções que fiz como pessoa e profissional atuando em uma Escola pública na qual fui aluna na década de 1970 e retomei como professora nos anos 1990, e fez dela, o palco de muitos medos, sonhos, ousadias e experiências pedagógicas-políticas-históricas-sociais e ações coletivas que muito contribuíram, para me ajudar a compreender e a atuar junto aos sujeitos sociais nas lutas e resistências.

Concretamente meu encontro oficial com a Pedagogia Social, se deu quase “obrigatório”, por determinação de um juiz do fórum de Portel, o qual necessitava de um profissional para atender adolescentes em conflito com a lei, e na cidade não havia Assistente Social e nem Psicólogo/a, eu era a única profissional das ciências ditas humanas e sociais, formada em Pedagogia e Especialização em Orientação Educacional pela Universidade Federal do Pará(UFPA) e Especialista em Projetos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte (PUC/MG), assim, ele me convidou e me nomeou como profissional para acompanhar e fazer, orientar e fazer os relatórios de um grupo de adolescentes nessa situação. Tal situação, somadas as outras experiencias e práticas, de certa maneira, já caracterizava o meu fazer em Pedagogia Social.

Com humildade, cito como resultado de minhas experiências em Pedagogia Social, engajada nas lutas desses sujeitos em seu contexto, entre outras atividades educativas, em 2006 foram sistematizadas e registradas na História da Educação Paraense, por meio de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **“História de Vida e Trabalho de uma Educadora Social: professora Edina Fialho Machado”**, de autoria de duas acadêmicas de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A minha opção e posição vem sendo definida e fortalecida na minha atuação e produção na Educação Superior ao longo de 23 anos como professora pesquisadora e militante de uma Pedagogia que seja social, humana e inclusiva.

2- Qual o papel da Pedagogia Social em sua vida?

Eu sempre penso que a maneira como fomos formados/as e as opções que fazemos, tem relação direta com a pessoa que somos e podem determinar as opções que fazemos em nossa carreira e vida, afinal, não existe neutralidade nas nossas opções, uma vez que elas surgem nas relações de lutas, disputas e conflitos que permeiam nossas vidas profissionais e pessoais e ainda influenciam nossas produções acadêmicas e as práticas profissionais.

Nesta perspectiva, a Pedagogia Social tem papel destacada na minha vida pessoal e profissional, pois, apesar de momentos de rupturas, ela tem uma continuidade em minhas opções e práticas, as vezes, parece intuição, outras, fundamentação, e quase sempre, uma tomada de decisão, uma escolha de vida e trabalho que dá sentido e significado ao meu fazer e viver, afinal, ser professora sempre foi o meu sonho e projeto de vida pessoal, o que me leva a pensar que sou professora por formação e opção.

Conduto, para mim não basta o ser apenas professora, é preciso estar comprometido com os sujeitos sociais com os quais trabalhamos, o que exige uma Pedagogia diferenciada, libertadora, inclusiva, que lute contra a exploração, as violências, a segregação, o racismo, os preconceitos, o machismo, a homofobia e contra toda forma de negação do outro, de seu ser mais. Neste sentido, a Pedagogia Social visa atender os sujeitos, ouvir suas vozes, orientá-los, instrumentalizá-los e incentivá-los a lutar contra toda forma de opressão.

É nessa Pedagogia Social que eu acredito, que eu desejo vivenciar, que eu defendo e com a qual eu estou comprometida pessoal e profissionalmente, seja na condição de professora de uma universidade pública da Amazônia brasileira, e no Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagogia em Movimento (GEPPEM), no qual coordeno a linha “Pedagogias Humanizadoras em Ambientes de Privação de Liberdade”. Essa Pedagogia Social ocupa lugar central nas minhas opções e práticas educativas, desse modo, ela mobiliza minhas opções de trabalho, pulsa meu coração, orienta minha razão, guia minhas práticas, e conduz a minha posição política e pedagógica, afinal, ela me tornou na educadora social que sou por opção, e com a qual eu tenho uma relação umbilical, uterina, racional e afetiva.

3- Como você vê a Pedagogia Social no panorama do seu país e no mundo?

Essa resposta não é simples, exige profunda reflexão, leitura das múltiplas produções e conhecimento das diferentes práticas no campo da Pedagogia Social, tanto em nível nacional, quanto internacional, o que demandaria tempo para reunir tais informações, todavia, penso que apesar de retrocessos recentes no mundo como o avanço da extrema direita e mais especificamente no Brasil entre 2019 a 2022 com a tomada do poder por governantes antidemocráticos que negam e atacam os direitos humanos, exploram as riquezas e agridem o meio ambiente, que incentivam as violências, tem facilitado o aumento da concentração de renda nas mãos de poucos e ampliação a pobreza de milhares de pessoas ao redor do mundo.

A pandemia da Covid-19 serviu para comprovar a necessidade de uma Pedagogia Social que seja capaz de enfrentar as suas consequências como o aumento das desigualdades sociais, do desemprego, do empobrecimento e principalmente, do adoecimento da população, especialmente dos mais pobres e desprovidos de políticas públicas sociais. Adoecimento físico e emocional em decorrência da doença, do desemprego e do “distanciamento social” que para a maioria virou “isolamento social” e junto com ele, a depressão por falta de contatos afetivos com pessoas queridas que chegaram a finitude como vítimas da covid-19.

Diante desse quadro caótico, a Pedagogia Social deu exemplos no mundo e no Brasil, de solidariedade, de acolhimento, de empatia, de orientação e de humanização, servindo de resistência aos desmandos e violências impostas pelos exploradores, devolvendo a esperança em um mundo melhor para se viver. Contudo, apesar dos significativos avanços, ainda temos muito o que avançar, nos fortalecer como grupo, construir conhecimentos que nos ajudem a fazer o enfrentamento. Eu acredito nessa pedagogia social que estamos construindo no Brasil.

5- Em relação ao VII CIPS, traga-nos uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Penso que ainda tenho poucas referências para avaliar os CIPSS em todas as suas versões, considerando que eu participei presencialmente de apenas dois, e em um apenas escrevi trabalho, mas não fui apresentar. Contudo, posso refletir sobre o VII porque participei dele integralmente e foi maravilhoso para mim.

Vejo o VII CIPS como uma oportunidade muito rica para aprofundarmos conhecimentos acerca de uma epistemologia do que pensamos e queremos como Pedagogia Social brasileira que tenha a nossa cara, que conheça nossos problemas e que acredite em nossas práticas e possíveis produções nessa área.

A ideia de ser uma evento internacional possibilita a troca de experiencias e o acesso as produções de outros colegas pelo mundo, mas sobretudo, nos ajuda a conhecermos as práticas, as dificuldades, as conquistas e os projetos de nossos parceiros brasileiros em lugares distantes, contudo, somos próximos nos problemas e nas experiencias, as quais, nem sempre podem ser socializadas, assim, o CIPS pode proporcionar esses momentos ricos.

Eu gosto do CIPS, considero importante acontecer junto com o programa de Pós-graduação da USP porque nos coloca em contato com produções importantes e pesquisadores renomados, trabalhos atualizados e perspectivas futuras para a construção de uma epistemologia própria da Pedagogia Social brasileira e de fortalecimento da pós-graduação, entretanto, acredito que para termos uma pós-graduação forte, precisamos antes fortalecer a graduação. Desse modo, penso que por tratar-se de um congresso de Pedagogia Social, precisaria ser mais participativo, mais democrático e inclusivo, digo isso, porque não houve espaço para a participação de profissionais da Educação Básica e nem para outros profissionais que atuam na educação em ambientes não escolares nos quais eles realizam práticas maravilhosas de Pedagogia Social. Também senti falta da participação de estudantes e de professores/as de graduação, para os quais, seria uma grande oportunidade de aproximação com os princípios, fundamentos, epistemologia e metodologia da Pedagogia Social, bem como, para conhecerem novas experiencias nessa área, além de poderem apresentar seus trabalhos, mesmo que fosse em uma seção específica para eles. Isso ficou bem evidente, com a presença de poucos graduandos e ou licenciados em Pedagogia da PUC e da Marckenzie que sediou o evento, bem como, na falta de uma área ou campo para esse público fazer a sua inscrição, o que nos levou como professoras do Pará a “descumprimos as regras” e inscrevemos as experiencias de nossas orientandas de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, porque consideramos importante não perder essa oportunidade para socializar essas produções, afinal, acredito na ideia de que as pessoas menos letradas podem participar das experiencias e se aproximar da cultura letrada que é produzida pelos intelectuais das instituições oficias de ensino e cultura, assim como penso que a Pedagogia Social, por sua própria finalidade precisa incluir o coletiva que a pratica, independentemente de sua posição acadêmica e profissional, afinal, existem grandes educadores sociais nas periferias que ainda vivem no anonimato excluídos dos grandes centros acadêmicos.

Eu quero registrar o meu reconhecimento e agradecimento ao esforço e trabalho da equipe gestora que pensou, planejou, organizou e realizou o VII CIPS, sem os quais, não teríamos essa oportunidade de estudo, partilhas, aprendizagem e de aproximação com nossos/as colegas que realizam suas práticas em Pedagogia Social e com aqueles/as que e produzem e ou sistematizam teoricamente essas práticas. Neste sentido, sou grata ao Prof. Dr. Roberto Silva em nome dos/as demais organizadores/as pela disposição em não permitir que a Pedagogia Social brasileira se isole, se imobilize e perca seu brilho.

6- Últimas palavras...

Como aprendiz nesse campo, ainda tenho um mundo a percorrer em busca de melhorias, assim acredito e defendo que no Brasil, devemos acreditar mais em nós mesmos, e em nossas práticas, que sejamos capazes de ultrapassar as barreiras e superar os limites impostos pelo sistema, vencer o medo que nos imobiliza e continuarmos na construção de uma Pedagogia Social que seja de fato inclusiva, democrática, emancipadora e libertadora de todo forma de opressão e de negação do sujeito, uma Pedagogia Social Humanizadora.

Gratidão a você professa Margareth por esta oportunidade dada a nós educadoras de uma universidade pública estadual da região norte e para nosso grupo de pesquisa GEPPEM, isso demonstra a sua visão de Pedagogia Social como instrumento de construção coletiva, de partilha e de inclusão. Parabéns por seu trabalho a frente desta importante revista que muito tem a contribuir para a tessitura de uma Pedagogia Social brasileira. Obrigada!

Prof^a. Dra. Edina Fialho Machado

OBS: Sinta-se à vontade para fazer correções e ajustes necessários. Desculpe-me mas não tive tempo de revisar, saiu de uma vez, a luta sindical por direitos, tem nos consumido esses dias. Gratidão.